

APRESENTAÇÃO

Seis meses após o X Congresso da Associação Brasileira de Estudos Canadenses, realizado em Goiânia, este número 11 da *Interfaces Brasil/Canadá* gira ainda em torno do tema daquele evento: Brasil/Canadá: diversidade e imaginário coletivo. As Américas em diálogo. Abordar esse tópico da atualidade significa forçosamente adotar uma perspectiva plural, que enfeixam nesta edição os quinze textos e as quatro resenhas apresentados aos nossos leitores, em português e nas duas línguas oficiais do Canadá. Assinados por autores que representam nossos dois países e que estabelecem esse diálogo agora semestral por intermédio da revista impressa e *online* da ABECAN – hoje classificada Qualis A1 na área de Letras pela CAPES –, os artigos deste número convidam a descobrir ou a desvelar novas realidades e diferentes manifestações do imaginário, nas diversas áreas do saber, permitindo aprofundar as raízes de nossa compreensão do Canadá e de suas relações com o Brasil.

Assim, ao ler o artigo inaugural, de autoria de nosso homenageado, Maximilien Laroche, um modelar estudo comparativo entre Oswald Durand, renomado poeta do século XIX, e Dany Laferrière, premiado escritor que vive entre Montreal, Haiti e os Estados Unidos – ambos de origem haitiana como o próprio M. Laroche –, identificamos nossa revista com o que declara em entrevistas o autor de *Vers le Sud*, que se diz ambicioso demais para pertencer a um só país. Este lado universal de D. Laferrière norteia as “interfaces” que veiculamos agora e que colocamos em circulação impressa e pela rede, neste e nos números precedentes. Comprova particularmente essa afirmativa a leitura dos quinze artigos aqui apresentados, onde, inicialmente, Hugh Hazelton, professor da Concordia University, aponta para a onda crescente de artistas e escritores latino-americanos no Canadá, que têm criado, de forma gradual, uma nova área na literatura, denominada literatura latino-canadense. Seu artigo examina a atitude desses autores diante da tradução, assim como os desafios e os meios de que eles se servem para transmitir sua obra aos universos literários das duas línguas oficiais do país. Pierre Girard, Charmain Levy e Gaëtan Tremblay, baseados em estudo

comparativo realizado por uma rede de instituições canadenses e brasileiras, abordam, na sequência, a questão do compartilhamento de conhecimento entre universidades e coletividades. São analisados pelos autores onze estudos de casos – seis conduzidos no Canadá e cinco no Brasil. O trabalho caracteriza-se por uma exposição clara e fluente, pelo tratamento científico do problema e pela análise objetiva e pormenorizada dos resultados da pesquisa. O texto a seguir, “Un érotisme illimité, du Québec au Brésil: autochtones et jésuites dans les Amériques”, de autoria do escritor e professor quebequense Jean-François Côté, autoridade na área dos estudos a respeito da americanidade, reforça a abrangência e a universalidade da revista ao abordar um tema especialmente instigante por se situar na interface das culturas canadense e brasileira, nos primórdios da colonização das Américas. Por sua vez, Roberto José Leal, Ivone Evangelista Cabral e Michel Perreault relatam sua experiência referente ao Programa de Visita financiado pelo Faculty Enrichment Program a instituições de reabilitação e de saúde, realizada em agosto de 2006. A Bolsa de Estudos do International Council of Canadian Studies (ICCS), oferecida por meio da Embaixada do Canadá no Brasil, oportunizou aos três autores o conhecimento do sistema de prestação de cuidados sociais e de saúde e o desenvolvimento de pesquisas direcionadas às crianças com necessidades especiais de saúde. Ian Skelton e Vera Ribeiro, no artigo seguinte, “Marginalized populations and property markets: analyzing experiences in Brazil and Canada”, examinam tentativas de usar o mercado para transformar o processo por meio do qual a população marginalizada ganha acesso à terra e à habitação em três diferentes situações: nas favelas do Rio de Janeiro, nas terras indígenas no Canadá e nas comunidades pobres em cidades no interior daquele país. Já os estudos canadenses desenvolvidos por Swain (2000), Swain e Lapkin (1994, 2001) e Swain e Tocalli-Beller (2005) são o ponto de partida das professoras Marília dos Santos Lima e Patrícia da Silva Campelo Costa para discutir conceitos da teoria sociocultural que envolvem a condução dessas pesquisas e de outras realizadas no contexto brasileiro, influenciadas pelos referidos estudos. A noção que interliga esses estudos é a de aprendizagem colaborativa, a qual pode ser definida como um

conjunto de eventos que favorecem a interação dialógica entre aprendizes, criando ocasiões promotoras da aprendizagem da língua estrangeira. No âmbito da música, em “La création musicale: scène d’un dialogue interculturel à la croisée des imaginaires”, Catherine Gauthier Mercier revela que o cenário musical brasileiro em Toronto e em Montreal se caracteriza por ser um espaço de diálogo entre as culturas que coexistem nessas cidades. Brasileiros, canadenses de origens e imigrantes de proveniências diferentes nele interagem enquanto músicos, espectadores, jornalistas e empregadores. Pouco importa, porém, sua origem e seu papel, todos eles são ao mesmo tempo locutores e alocutários. Através da música e dos discursos que a envolvem, encontram-se o imaginário coletivo dos brasileiros e os estereótipos difundidos sobre o Brasil. Reforça-se a seguir a amplidão do tema desta edição nas artes: o cineasta canadense de origem belga Thierry Le Brun, ao chegar ao Canadá, impressionou-se com os *slogans* nas placas dos automóveis. Com o tempo, seu fascínio só aumentou, a ponto de, em 2002, realizar um documentário sobre o significado do *Je me souviens* das placas automobilísticas no Quebec. Em *Un certain souvenir*, Le Brun tenta apreender quem é “je” e do que esse “je” deve se lembrar. Para tanto, entrevistou quebequenses de várias gerações. O resultado é, ao mesmo tempo, lúdico e sério. É Denyse Therrien, da Universidade do Quebec em Montreal, quem retoma, no texto “Quand ‘je’ n’est ni tout à fait un autre, ni tout à fait le même”, as duas questões do cineasta, com base em testemunhos do filme, a fim de entender em quem está o enunciador e qual programa ideológico subjaz à enunciação. Em outro registro, João Fábio Bertonha discute a presença de movimentos fascistas no Canadá nos anos 1930, com ênfase na figura de Adrien Arcand e nas particularidades do caso canadense frente a outros países de língua inglesa. Em seu texto, “O *fascio*, a suástica e a *maple leaf*: o fascismo no Canadá do entreguerras”, é focalizada especialmente a questão do Quebec e dos movimentos fascistas baseados na região.

De volta à literatura e a Dany Laferrière por meio do texto “A literatura – uma viagem inesgotável e sem fronteiras”, Irene de Paula reforça o largo espectro do tema das Américas em diálogo e aponta para os itens essenciais na elaboração do imaginário e na

trajetória literária do escritor – a leitura, a intertextualidade, a viagem, o sexo, as memórias da infância, a luta pela diversidade, a desconstrução dos estereótipos raciais e nacionais – amplamente desenvolvidos em sua “autobiografia americana”. Na mesma perspectiva do imaginário, Maria Bernadette Velloso Porto aproxima a escritora, historiadora, linguista, socióloga e tradutora Régine Robin da fotógrafa, artista plástica e também escritora Sophie Calle, cujas obras, segundo Maria Bernadette, se iluminam reciprocamente sob diversos ângulos. Novas *flâneuses* da contemporaneidade, as artistas percorrem espaços urbanos que se reinventam sob seus passos. Colecionadoras do efêmero e da banalidade do cotidiano, ambas propõem intervenções criativas, reveladoras de uma poética do devir em um mundo em que se questionam as identidades fixas. Sensíveis às experimentações da autoficção e às possibilidades vinculadas ao virtual, ambas não cessam de nos surpreender, conforme demonstra a autora do artigo, com criações marcadas pelo espírito inovador. Por sua vez, Rodrigo da Rosa Pereira procura respostas à questão: de que modo a escritura ficcional de Himani Bannerji adquire relevância específica para a cultura canadense? Ao abordá-la na obra dessa autora no contexto da literatura canadense (sul-asiática), o autor evidencia o tratamento literário-discursivo dos imigrantes de origem sul-asiática no Canadá, refletindo criticamente, identificando, analisando e discutindo a respeito do seu lugar e da sua significância. Vanessa Massoni da Rocha estuda a relação da canadense Nancy Huston com suas duas línguas de escrita: o inglês, língua materna, e o francês, língua de adoção, e investiga diferentes produções da escritora nas quais ela revela as interfaces de suas duas línguas literárias, a fim de analisar uma curiosa autodefinição, segundo a qual a convivência entre as duas línguas apontaria mais para seu duplo analfabetismo do que para o bilinguismo criativo. O artigo traz inúmeras citações sobre o tema, extraídas de diversas obras de N. Huston, bem como de Salman Rushdie, de Anne-Rosine Delbart e de Michael Oustinnoff.

Na sequência, a principal tendência verificada na poesia contemporânea canadense escrita por mulheres é investigada a partir da obra de Margaret Atwood *Survival. A Thematic Guide to Canadian Literature*, por Gisele Giandoni Wolkoff, que

assinala e aponta considerações a serem revisitadas nos estudos da poesia, particularmente naqueles relativos à poesia produzida na transculturalidade canadense em um mundo globalizado, dos anos 1970 em diante.

É com resenhas de autoria de colegas brasileiros que este número se encerra. São resenhas de obras de interesse variado entre os canadianistas em nosso país, publicadas nos últimos dois anos: poesia em tradução, poesia ainda não traduzida, romance e crítica.

Terminamos esta curta apresentação com os agradecimentos a todos os autores e autoras que nos confiaram seus textos para esta edição, aos que se dispuseram a escrever, a ler, reler, revisar, discutir, formatar e diagramar a diversidade canadense contemporânea manifesta nos artigos relacionados a outros paradigmas, colaborando assim para propagar a visão plural dos Estudos Canadenses e suas “interfaces” na contemporaneidade, inseridos em amplo contexto interpretativo. Em especial, agradecemos a João Reguffe, João Balansin, Ignacio Antonio Neis, Fabiane Resende, Jaques Beck e às canadianistas que comigo integram o Corpo Editorial – Eloína Prati do Santos e Zilá Bernd, esta, fundadora da *Interfaces*. Esperamos que este número contribua um pouco mais, em sua diversidade, para o enriquecimento e a visibilidade das trocas e parcerias hoje bem enraizadas entre os nossos dois países.

Ao passar a editoração da *Interfaces Brasil/Canadá* à nova equipe, desejo que nossa revista continue da melhor forma possível. A principal qualidade da imaginação amigável é a de refazer a realidade sobre bases otimistas. Com nosso trabalho crítico, somos levados a considerar o passado, que pode nos fazer apreender, assim, o futuro que não vemos tão claramente quanto o passado. Faz-se, pois, mister dar demonstrações de otimismo. É o que diz Maximilien Laroche, e o que procuro, com base em suas reflexões que faço minhas quando parto, depois de “interficiar” por oito edições, na busca de um “repouso ativo”.

Nubia Jacques Hanciau
Editora de *Interfaces Brasil/Canadá* de 2004 a 2010